

Os festejos dos 132 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul

*René E. Gertz*¹

O tema

Um aspecto abordado, com frequência, em falas e escritos sobre imigração e colonização alemãs no Rio Grande do Sul é a suposta ou efetiva preservação, intensa e premeditada, da identidade “étnica” por parte de imigrantes e descendentes (SEYFERTH, 1994). Palavras como “germanismo” ou “germanidade” – traduções usuais do termo alemão *Deutschtum* – costumam ser referidas, neste contexto, não só para descrever uma situação, mas para alertar contra ela, tanto na bibliografia nacional, quanto, inclusive, na internacional (CONRAD, 2010; GERTZ, 1991; PENNY, 2015; SCHULZE, 2015a, 2015b; SILVA, 2006; VOGT, 1964). Considerando que a imigração alemã para o estado começou em 1824, não há notícias sobre comemorações ou lembranças festivas nos anos “jubilares” dos quinquagésimo e septuagésimo quinto aniversários (1874 e 1899, respectivamente), mas a situação socioeconômica, política e cultural regional favoreceu festejos intensos por ocasião do centenário, em 1924 (GERTZ, 2002). Como mostrou Roswithia Weber (2004), esses festejos deram início a um movimento em torno do “25 de julho”, dia da chegada dos primeiros imigrantes, a São Leopoldo, em 1824. Nova condição política favorável fez com que em 1934, no centésimo décimo aniversário, o

¹ Ex-professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; aposentado.

governo do estado declarasse a data como feriado, sob a denominação de “Dia do colono”, fato que deu impulso oficial, governamental aos festejos, de forma que nos três anos seguintes se verificasse significativa mobilização “interna” para festejar a data – com a edição de cadernos e outros materiais, com canções, poesias, peças de teatro etc., para subsidiar atos festivos.² Esse processo, porém, foi interrompido em 1938, com o início da “campanha de nacionalização”, que perdurou até 1945. Mesmo que nos anos seguintes houvesse tentativas tímidas para retomar as comemorações, elas se mantiveram modestas, mesmo no centésimo vigésimo quinto aniversário, em 1949. Essa situação justifica perguntar pelas circunstâncias, pelas razões que teriam levado a que no ano de 1956, no centésimo trigésimo segundo aniversário – número que não costuma ser visto como “jubilar” –, os festejos tivessem sido grandiosos, havendo referências de que até tivessem sido maiores que os do centenário, em 1924. Este é o tema deste texto.

Antecedentes

Terminada a Segunda Guerra Mundial, em 1945, com o arrefecimento da “campanha de nacionalização” e de seus corolários, como as perseguições a alemães e descendentes, e a gradativa recuperação de certa autoestima, uma das primeiras articulações na “colônia alemã”, sobretudo na Capital do estado e em alguns outros centros urbanos maiores, foi uma ação para angariar alimentos, roupas e dinheiro para enviar à população da Alemanha devastada pela guerra, sob o slogan “Socorro Europa Faminta – SEF”, ação que se desenvolveu entre 1946 e 1949 (FERNANDES, 2005). Segundo Glen Goodman (2015, p. 156-185), um dos efeitos da mobilização em torno dessa causa foi o surgimento de um

² Em 1936, foi editada uma *História da colonização alemã no Rio Grande do Sul*, tanto em alemão quanto em português (ARBEITSGEMEINSCHAFT..., 1936; CENTRO 25 DE JULHO, 1936).

“Centro Cultural 25 de Julho”, em Porto Alegre.³ No ano seguinte (1950), surgiu em São Paulo um jornal em língua alemã destinado a representar e defender os interesses da “colônia alemã” de todo o Brasil, a *Brasil-Post* (WOLFF, 2010). Mesmo destinada ao conjunto da população de origem alemã do país, o editor foi um gaúcho de descendência alemã, e parte significativa dos recursos para seu lançamento e sua manutenção inicial foi garantida por empresários de origem alemã do Rio Grande do Sul (GERTZ, 2018a). Esse fato refletiu uma tradição sul-rio-grandense no cultivo da “germanidade”, também neste período de rearticulação, posterior aos traumas causados por aquilo que havia acontecido entre 1938 e 1945.

Diante desse fato, também é compreensível que uma organização que procurou retomar os ideais de uma “Comissão pró-25 de Julho” (regional) e uma “Federação 25 de Julho” (nacional), lá na década de 1930, criada em 1952, tivesse surgido no Rio Grande do Sul e mantivesse aqui sua sede, em São Leopoldo – a “Federação dos Centros Culturais 25 de Julho”. Mesmo que a palavra “federação” sugerisse uma abrangência ampla, ela era, de fato, constituída por pouco mais de uma dúzia de indivíduos que, à exceção de um que residia em Lajeado/RS e outro em Blumenau/SC, viviam na região metropolitana de Porto Alegre, e enfrentou problemas de ordem material desde o primeiro momento, entre outras razões, porque apoio financeiro prometido por empresários porto-alegrenses de origem alemã não se concretizou (GERTZ, 2018b, p. 970-974).⁴ De qualquer forma, ela se enxergava na

³ Este foi, certamente, o centro cultural mais bem-sucedido. Em 1956, ele teria contado com 1.500 sócios [*Brasil-Post*, São Paulo, n. 295, 21/7/1956, p. 3]. Ao contrário de alguns analistas, deve-se, porém, alertar que muito poucos desses sócios estavam dispostos a fazer sacrifícios, sobretudo econômicos, pela causa “germanista” do “25 de julho”, vendo na instituição, sobretudo, um instrumento de sociabilidade, lazer e diversão.

⁴ Em ordem alfabética, as pessoas citadas nas fontes como tendo algum vínculo com a Federação foram: Armínio Schneider, Albano Volkmer, Balduino Rambo, Bruno Born [Lajeado], Carlos Oscar Kortz, Dr. Eng. Plangg, Fritz Rotermund, G. Schubert, Georg Kopittke, Gustavo Schreiber, Klaus Becker, Leopoldo Petry, Otto Baumeier [Blumenau], Rudolf Metzler, Roland Petroll, Theo Kleine,

tradição “germanista” que vinha do século XIX, isto é, na defesa de supostos interesses político-culturais da “colônia alemã”, incentivando manifestações específicas do grupo, preservação de sua história e memória, manutenção da língua alemã e luta por sua introdução nas escolas públicas, instituição do 25 de julho como feriado (no mínimo, nos municípios mais típicos de colonização alemã, mas sem abdicar da tentativa de estendê-lo a vários estados, e mesmo ao país todo) (GERTZ, 2018a; GERTZ, 2018b). Na verdade, a SEF, o Centro Cultural 25 de Julho de Porto Alegre, a *Brasil-Post* e a Federação dos Centros Culturais foram todos “filhos” do mesmo “espírito”, com vários nomes de idealizadores, apoiadores e dirigentes aparecendo nas quatro entidades – e esse “espírito” era o “germanista”.

A presidência desta última entidade foi exercida, inicialmente, pelo intelectual e político Leopoldo Petry, passando, muito logo, porém, para Bruno Born, uma figura menos intelectual, mas com maior projeção política, pois fora deputado estadual, na primeira legislatura pós-guerra; a seguir, fora candidato a deputado federal, não eleito, tendo, no entanto, sido bem-sucedido numa nova tentativa nas urnas para o cargo de prefeito de Lajeado. Mas a função mais importante era a de secretário-geral, a quem cabiam as ações cotidianas e a representação pública. E ela foi exercida por Fritz Rotermund. Ele estava talhado por assim dizer hereditariamente para o cargo. Além de advogado com algum envolvimento na vida política municipal (em São Leopoldo), no passado, era filho do pastor Wilhelm Rotermund, figura central na construção de uma tradição luterana e “germanista” no Rio Grande do Sul (DREHER, 2014). Wilhelm foi fundador do Sínodo Riograndense, a maior instituição eclesiástica luterana do estado.

Waldemar Geib, Wilhelm Rotermund, Wolfram Metzler [cartas-circulares de Theo Kleine, de 28 de março e 22 de maio de 1956 – Arquivo Rotermund/Museu Histórico Visconde de São Leopoldo – de agora em diante abreviado como AR/MHVSL]. Vários desses nomes, porém, não aparecem em qualquer outro documento, sugerindo que sua participação era apenas formal. De fato, os sete nomes que aparecem com frequência são: Becker, Born, Kleine, Kortz, Petry, Rambo, Rotermund.

Para abastecer o sínodo com impressos pertinentes à ação religiosa, além de difundir o ideal de uma íntima relação entre luteranismo e “germanidade”, fundara uma gráfica-editora, para produzir hinários, jornais e outros materiais para o sínodo, bem como livros didáticos para as escolas da “colônia alemã”, bem como impressos para atividades nas diversas instituições recreativas e culturais típicas dessa região. Nos anos 1920, seu *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [Almanaque para os alemães no Brasil] vendia edições anuais de 30.000 exemplares (GERTZ, 2002, p. 42). Com isso, os filhos do pastor Wilhelm Rotermund estavam, de alguma forma, envolvidos com o “movimento pró 25 de julho” desde, no mínimo, a década de 1930 – em especial Fritz.

Esse movimento não tivera conotação religiosa – apenas “étnica” – lá no pré-guerra nem a teria agora, no pós-guerra, e assim, pela importância histórica dos Rotermund na edição de material relacionado à “germanidade”, Fritz acabou sendo festejado como “pai” do mesmo, certamente um dos principais motivos para que viesse a exercer o cargo de secretário-geral da Federação. Mas sob a justificativa de que estava muito envolvido na administração da empresa da família (mesmo que não estivesse sozinho, pois tinha irmãos), e que, por isso, não tivesse tempo para uma dedicação efetiva à causa, mais o fato de que estaria completando 70 anos de idade, abandonou o cargo, em fins de 1955, passando-o ao então jovem professor Theo Kleine. Mesmo assim, não há qualquer dúvida de que seu envolvimento histórico com o “25 de julho” fez com que permanecesse como eminência parda da entidade. E é por isso que seu arquivo pessoal é importante para estudar a história da Federação, deste período.⁵ Ele está depositado no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.⁶

⁵ Fritz Rotermund faleceu em 1965. Theo Kleine permaneceu no cargo de secretário-geral por 37 anos.

⁶ Infelizmente, não está completo, abrangendo apenas alguns anos da segunda metade da década de 1930, os anos de 1956 e de 1961 – documentos relativos a anos fora deste marco cronológico são escassos.

Mesmo que a situação da Federação, em 1956, tenha sido abordada em texto anterior (GERTZ, 2018b), o tema será retomado aqui. No próximo item, será referido o conteúdo de alguns documentos preservados no arquivo que têm a ver com o assunto em pauta, os festejos do 25 de julho, em São Leopoldo, no ano de 1956. A forma de apresentação será muito simples, com uma espécie de “passeio” cronológico por alguns escritos de autoria de Rotermund ou remetidos a ele por outras pessoas. E os objetivos são, basicamente, dois: a) apontar para problemas, sobretudo materiais, enfrentados pela Federação, naquele momento; b) ver como os preparativos para os festejos transparecem na documentação.

Documentos do arquivo Fritz Rotermund

Em longa carta de Fritz Rotermund a Balduino Rambo⁷ – padre jesuíta, sem dúvida, o mais conhecido intelectual ligado à Federação –, datada de 12 de março de 1956, o primeiro chama a atenção do segundo para uma matéria publicada em 10 de março no *Correio do Povo* (p. 9) tecendo comentários negativos a um documento encaminhado em 1952 por Bruno Born ao então secretário de educação do Rio Grande do Sul sobre a possibilidade da introdução do ensino da língua alemã nas escolas. Essa era uma questão cara à Federação, mas o tema não será aprofundado aqui, cabendo registrar que na documentação de Rotermund de todo o ano ele voltou repetidas vezes, acompanhado de lamentos sobre o fracasso da Federação em relação a essa causa. Na sequência, Rotermund comentou sua posição frente ao “movimento pró 25 de julho”, concretamente, a Federação. Enfatizou que abandonou o

⁷ Para observadores externos, os dois eram, aparentemente, considerados as figuras centrais do “movimento pró 25 de julho” no Rio Grande do Sul, pois durante uma discussão entre representantes diplomáticos da República Federal Alemã sobre a idoneidade de alguns alemães e descendentes pelo Brasil a fora, em 1953, o cônsul em Porto Alegre informou que aqui nada se poderia dizer contra Rotermund e Rambo (BARBIAN, 2014, p. 273-274).

cargo de secretário-geral não tanto pela sua idade, mas porque o exercia de forma secundária, ao lado de suas atividades profissionais na empresa da família, motivo pelo qual o classificava como *Wurstelei*, “picaretagem”, e que sem possibilidades de uma dedicação mais intensa não conseguia atingir os objetivos da entidade. Considerou que sem ao menos o cargo de secretário-geral sendo exercido por uma pessoa com dedicação intensa, a Federação estava fadada ao fracasso, pois faltava-lhe um comando efetivo, que conseguisse agregar a população de origem alemã, dispersa, em virtude de uma infinidade de fatores. A carta terminou em tom não exatamente otimista:

Como estou convicto da falta de perspectivas para nossos esforços, sob as atuais condições, vou ficar na retaguarda, por enquanto, até que venha a sentir que ocorreram mudanças, isto é, até que se tenha chegado a um acordo para um trabalho positivo, e não mais se repita aquilo que vem acontecendo até aqui, com apenas manifestações de boa vontade e de belas propostas, que, porém, não passam de palavras e sugestões. [...]. Fiz questão de também transmitir ao Sr. [Rambo] (como já o fizera com Born) uma confissão clara de minha atual atitude em relação ao 25 de julho [carta de Fritz Rotermund a Balduino Rambo, 12/3/1956, p. 2, AR/MHVSL].

Esse aspecto também não será aprofundado, mas cabe destacar que, além do pessimismo mais geral em relação à Federação, aos seus integrantes e à possibilidade de cumprir seus objetivos, a correspondência de 1956 registra reiteradas referências à incapacidade de uma dedicação intensa do novo secretário-geral, Theo Kleine, pois, além de uma considerável carga-horária como professor no Instituto Pré-Teológico, exercia a função de diretor do internato desta instituição.

Felizmente para a pesquisa histórica, apesar do anunciado recuo de Fritz Rotermund para a “retaguarda” naquilo que tange à Federação, sua ação epistolar e seus registros escritos sobre ela

continuaram intensos. Já no dia seguinte (13/3/1956), escreveu outra “confissão” a Leopoldo Petry – ex-presidente da Federação –, defendendo a necessidade de reagir frente à negativa de avanços na questão do ensino de alemão nas escolas. Em carta de 22 de março a Bruno Born, informou que Leopoldo Petry tinha pronto um texto em que rebatia os argumentos daqueles que se opunham ao referido ensino, e que decidira lançar uma contraofensiva, publicando esse texto, através de sua gráfica-editora, para distribuição massiva, entre a população.

Tendo passado uma temporada numa estação hidromineral, em abril, há uma carta importante, para Bruno Born, de 8 de maio, em que se referiu a uma conversa com Kleine, na qual ficou “sabendo que nossa crônica falta de dinheiro pode, agora, em breve, transformar-se em um *Verhängnis*”, num desastre. Destacou que sem dinheiro nada pode ser feito. Mas, “independente dessa miséria, pretendo publicar um apelo, conclamando para que o 25 de julho seja colocado exclusivamente a serviço dos objetivos do [movimento] 25 de julho (Federação), isto é, que é necessário obter ajuda financeira, caso não queiramos – ou sejamos obrigados a – encerrar nosso trabalho”. Destacou que esse apelo, provavelmente, seria classificado como uma *Bettelei*, uma mendicância, motivo pelo qual assumiria a responsabilidade pessoal exclusiva pela divulgação. Fez, porém, um pedido para que Born conversasse com pessoas de seu círculo, que incluiria ricos empresários de Porto Alegre.

Encerrado esse assunto, Rotermund escreveu: “Mesmo que eu tivesse mais algumas coisas para tratar, para terminar, apenas a mais recente novidade”. E então relatou que, no dia da redação da carta, recebera a visita do “teu companheiro Kuhn”⁸, o qual teria

⁸ Entre 1956 e 1958, Augusto Helmuth Kuhn exerceu a presidência da Associação Comercial e Industrial de São Leopoldo, tendo sido sucedido, no último ano, por Guilherme Rotermund, irmão de Fritz. Por outro lado, naquela legislatura, havia um vereador do município de nome Albano Kuhn, representando o distrito de Santa Maria do Herval. Provavelmente, tratava-se do vereador; de qualquer forma, nenhum dos dois aparece como militante da Federação dos Centros Culturais 25 de Julho.

informado que o prefeito de São Leopoldo, Paulo Couto, pretendia festejar o 25 de julho “de forma extraordinária e magnânima”, tendo comunicado que convidaria “desde Juscelino até lá embaixo. Pretende fazer uma concentração de todo (!!!) o estado. Naturalmente, serei chamado a participar, sobretudo na organização, mas não tenho nenhuma vontade para isso”. “Não sei como vou sair dessa”. “Tu, como nosso presidente, com certeza vais ser informado sobre esse projeto heroico”. “Além disso, eu disse a ele [Kuhn] que nós temos o 25 de julho exclusivamente para a manutenção de nossa língua e tradição. Festejos como os aqui planejados não fazem parte de nosso programa”.

Em carta de 27 de maio a Klaus Becker, há nova referência aos festejos pretendidos pelo prefeito Paulo Couto, previstos para estender-se por três dias:

Naquilo que tange aos preparativos, eu me mantenho afastado, porque, na minha idade, não quero participar de forma ativa. Não tenho muitas informações sobre os objetivos, mesmo que seja questionado a respeito, com certa frequência. Conta-se que, ultimamente, se tem brigado em torno do nome – “Dia do colono” ou “Dia do imigrante”? [...]. Diz-se que os nativistas são a favor de “imigrante”, e contra “colono”, pois este simbolizaria os alemães!!! Se é assim, então sou a favor de “colono”!

Todas essas referências, portanto, mostram que Fritz Rotermund e a própria Federação dos Centros Culturais 25 de Julho não foram agentes ativos no lançamento dos festejos nem na elaboração da programação, mas – diante do fato consumado – alguns acabaram aderindo. Assim, em um documento datado de 10 de julho, aparentemente enviado à *Brasil-Post* para publicação, há uma descrição detalhada da programação. Além disso, há, no mês de julho, várias correspondências trocadas com o jornalista Aloisio Schneider, do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, tratando da edição de um caderno especial referente ao 25 de julho, incluindo uma entrevista com Rotermund.

Os festejos

Infelizmente as informações disponíveis sobre o prefeito Paulo Couto são escassas. Elegeu-se deputado constituinte estadual em 1947, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), exercendo, depois da promulgação da constituição, mandato ordinário, como os demais constituintes; em 1950, elegeu-se deputado federal, pelo mesmo partido, com mandato até 1955, quando “foi vice-presidente do diretório central da Liga de Emancipação Nacional, organização que tinha por objetivo a defesa das liberdades democráticas e a luta pelo desenvolvimento econômico independente do Brasil”, fato que sugere que tenha pertencido à ala mais nacionalista do partido. Nas eleições municipais de final de 1955, elegeu-se prefeito de São Leopoldo, também pelo PTB.⁹

O senso comum sugere que o PTB era um partido com relativamente pequena presença nas “colônias alemãs” do Rio Grande do Sul, e que só teria se tornado minimamente conhecido nessas regiões durante a campanha eleitoral de Leonel Brizola ao governo do estado, em 1958, graças à aliança com o Partido de Representação Popular (PRP), o qual possuía uma densidade eleitoral maior, ali. O próprio fato, porém, de Couto ter-se eleito no “berço da colonização alemã” sugere que a generalização pode não ser totalmente correta. Além disso, também pode não ser pertinente que integrantes do PTB tendiam a uma menor afinidade com a população de origem alemã. Tudo isso deveria ser verificado, para o caso específico de Couto e sua eleição em São Leopoldo – numa pesquisa histórica infelizmente penosa, que ainda não foi feita.

Foi encontrada uma nota intitulada “Nova administração”, de São Leopoldo, na *Brasil-Post* de 23 de junho de 1956 (p. 6), mas, pela data de publicação, ela poderia estar “contaminada” pelo clima

⁹ Dados disponíveis no CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.

dos festejos, então já amplamente divulgados e conhecidos. Ela é elogiosa ao novo prefeito, em sentido geral, mas também em sentido mais específico naquilo que tange à “germanidade”. Em termos gerais, ele teria promovido um novo planejamento urbano, com renovação de todos os prédios públicos, praças e iluminação. Quanto a aspectos específicos, teria estado em discussão, na administração anterior, uma divisão do bairro Morro do Espelho, a qual – se concretizada – teria trazido grandes prejuízos para o Sínodo Riograndense¹⁰ e instituições a ele ligadas, todas concentradas naquela parte da cidade; o novo prefeito foi elogiado por ter suspenso esse projeto, e determinado que o bairro não fosse desmembrado. Além disso, a nota destacou os serviços de conservação realizados no monumento ao imigrante e o ajardinamento da praça em que ele está localizado, com a reforma da fonte luminosa à sua frente.

Mas – destacando novamente que faltam pesquisas históricas sistemáticas e aprofundadas a respeito – há indícios de que o “clima” que envolveu a decisão sobre a realização dos festejos da imigração e colonização alemãs não derivou, de forma exclusiva, da posição e da vontade pessoais do prefeito de São Leopoldo. Decorridos mais de 10 anos desde o final da Segunda Guerra Mundial, vimos que em março ainda havia sido publicado, num jornal da importância do *Correio do Povo*, um artigo rechaçando a introdução da língua alemã nas escolas gaúchas, e Fritz Rotermond escreveu, em correspondência já citada, que, mesmo dentro do período de preparação dos festejos, houvera debates sobre a denominação a ser dada àquilo que se pretendia comemorar (“colonos” ou “imigrantes”?) envolvendo “nativistas”, isto é, críticos da presença de alemães e descendentes no Brasil. Claro, isso existia desde o século XIX, e é difícil avaliar tendências ou mesmo

¹⁰ Lembre-se o livro de Martin N. Dreher (2003) *Igreja e germanidade*, o qual trata dos profundos vínculos históricos entre o sínodo e o “germanismo”. O próprio Morro do Espelho pertencera à família Rotermond.

dimensões de apoio ou de crítica à “germanidade”, no conjunto da população, sobretudo em tempos “normais” – mesmo em tempos de crise, como acontecera durante a guerra, é possível que a voz dos “nativistas” tenha ecoado com mais intensidade porque era perigoso manifestar-se em sentido contrário.

Como ainda não foi possível realizar uma pesquisa sistemática na imprensa diária, isso foi tentado em algumas publicações menos volumosas. Nesse sentido, a edição da *Brasil-Post* de 9 de junho, que publicou a primeira nota sobre os festejos que estariam sendo preparados em São Leopoldo (p. 12), transcreveu (p. 1 e 3) a tradução para o alemão de um texto dito como publicado, pouco antes, por Sérgio da Costa Franco sobre “A resistência cultural dos colonos alemães” no *Correio do Povo*. Se os editores da *Brasil-Post* publicaram esse texto em tradução, certamente foi porque lhe atribuíram algum valor positivo para os interesses “alemães”. Considerando que o autor, à época, fosse um jovem militante não exatamente à direita, o fato não deixa de ser significativo.¹¹ Da mesma forma, merece referência uma informação contida num documento de Fritz Rotermund, datado de 19 de junho, relatando que no dia 16 os poderosos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand haviam promovido um jantar, em Porto Alegre, no qual os órgãos de imprensa regionais da empresa foram colocados à disposição da causa dos festejos – promessa que se concretizou na referida edição especial do *Diário de Notícias* de 25 de julho. Mais ou menos por essa mesma época, na edição n. 665, referente ao período de 2-15 de junho, a *Revista do Globo*, considerada a segunda mais importante do Brasil, em sua categoria, publicou uma reportagem de cinco páginas sobre Novo Hamburgo (p. 57-61). O texto poderia vir a ser classificado de “politicamente incorreto”, hoje em dia, pois lembrava que, se na Bahia – o autor, talvez, estivesse pensando em Salvador – havia 365 igrejas, Novo Hamburgo possuía 400 fábricas.

¹¹ O autor referencia o episódio em suas memórias (FRANCO, 2008, p. 90): “Para minha surpresa, parece que agradei a todos”. Ele localiza a publicação original, cronologicamente, no mês de maio.

Entre os fatores apresentados para explicar o progresso do município, estavam a ampla difusão do associativismo e a democracia social (p. 61). Como curiosidade, os leitores ficaram sabendo que, em recente viagem ao Rio Grande do Sul do presidente Juscelino Kubitschek, o coral da Sociedade Aliança veio a Porto Alegre cantar-lhe “Peixe vivo”.

Mesmo que nem o presidente Juscelino Kubitschek nem o embaixador alemão “ocidental” tenham comparecido aos festejos do 25 de julho, em São Leopoldo¹², não há dúvida de que o evento teve considerável repercussão, incluindo uma sessão solene na Câmara dos Deputados. Na ausência de pesquisas sistemáticas na imprensa diária, recorreu-se, mais uma vez, à importante *Revista do Globo*, que, por ser quinzenal, obviamente não poderia apresentar textos densos e extensos, mas que, mesmo assim, soam significativos. Em sua edição de n. 657, referente ao período de 11-24 de agosto de 1956, dedicou o editorial ao “Dia do colono” (p. 1), e, logo a seguir, uma matéria assinada por Joseph Zukauska, sob o título “Colono – este herói sem nome” (p. 5-11).

Mais uma vez começando com uma afirmação que hoje em dia poderia ser vista como “politicamente incorreta”, o editorial dizia que, nos últimos 20 a 30 anos, nada mudou na metade sul do estado, enquanto na metade norte brotaram novos municípios e se generalizou a modernização. “Isso representa a grande contribuição do progresso do Rio Grande do Sul trazido pelo braço do imigrante e de seus descendentes no trato contínuo com a terra bruta”. Como o “Dia do Colono” não se referisse a um grupo “étnico” específico, o texto exaltou alemães, italianos, poloneses, lituanos, japoneses e

¹² Pode-se especular que a ausência do embaixador (representado por um agente diplomático a ele subordinado) tenha derivado de uma interpretação errada dos festejos. Como mostram Nikolaus Barbian (2014, p. 272-277) e a própria correspondência de Fritz Rotermund, representantes diplomáticos alemães faziam restrições a pessoas que militavam no “movimento pró 25 de julho”. Mas tanto a representação diplomática alemã no Rio Grande do Sul não concordava de todo com essa avaliação em relação aos integrantes da Federação dos Centros Culturais 25 de Julho quanto os próprios festejos não foram liderados por ela.

“outros”, mas dos três municípios nominalmente citados dois são de colonização alemã (Novo Hamburgo e São Leopoldo) e um de colonização italiana (Caxias do Sul). O entusiasmo com as comemorações do dia levou o editorialista a proclamá-lo um “segundo 7 de setembro”. Já o outro texto, amplamente ilustrado, informava que os primeiros festejos oficiais da data ocorreram em 1934, e que atos comemorativos como aqueles verificados em São Leopoldo constituiriam um momento em que “o Rio Grande se penitencia do longo esquecimento, reverenciando os heróis da enxada” – neste contexto, destacou que esses novos heróis se contrapunham à imagem tradicional na qual se destacavam como características deste estado o gado, a bombacha e as botas (p. 7).

Para terminar as referências elogiosas à festa idealizada e promovida pelo prefeito Paulo Couto, seja lembrado um relato escrito por Fritz Rotermund, no dia 28 de julho, aparentemente para ser enviado para a *Brasil-Post*. Após referir-se a muitas atividades oficiais, à presença e aos discursos das diversas autoridades, escreveu: “não podemos deixar de acrescentar algumas coisas”. Nesses comentários por assim dizer pessoais, manifestou sua satisfação pela presença do representante da embaixada alemã “ocidental”, do cônsul alemão em Porto Alegre, do governador do estado, de deputados federais e estaduais. Relatou, também, que “todas as estações de rádio contribuíram, semanas antes, para o grande sucesso dessa festa”. O texto fez uma referência especial ao prefeito, afirmando que “a ele não se deve apenas o impulso inicial, mas também os esforços, que certamente não foram poucos”. O 25 de julho teria sido colocado no lugar que merece, “pois, inegavelmente, com a colonização surgiu uma nova era no comércio, na indústria, na ciência, na cultura e na política, como foi demonstrado, nestes últimos dias, através da palavra e da escrita”. Destacou que em termos de participação popular, em especial no dia 25 de julho – já que a festa se estendera por três dias [na verdade, cinco] –, São Leopoldo vivenciou um dia “como nunca antes”,

“provavelmente mesmo não no centenário (1924)”.¹³ Em carta do dia anterior (27 de julho) ao deputado federal Lino Braun, Rotermond informou que neste dia recebera a visita de Raphael Veríssimo de Azambuja, chefe do Departamento de Administração e Finanças do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, o qual também era repórter da *Última Hora*, a qual estaria planejando uma edição especial sobre o 25 de julho.

Mesmo com base em uma pesquisa histórica que não é satisfatória em termos de densidade, de aprofundamento, pode-se afirmar que há indícios consistentes de que os festejos do 25 de julho em São Leopoldo, em 1956, não foram produto da iniciativa e do empenho de “germanistas” – ainda que alguns tenham aderido –, mas de uma decisão governamental, que caiu em “solo fértil”, pois esses indícios apontam para uma boa aceitação entre a população em geral e uma razoável repercussão na imprensa. Para encerrar, cabe, por isso, perguntar por uma possível explicação para o acontecido.

Uma tentativa para explicar os festejos

Nara Simone Roehe (2005) tentou estabelecer uma relação entre os festejos do sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, em 1974, e as relações econômicas do Brasil com a Alemanha, naquele momento. Inspirado nesse estudo, cabe levantar uma hipótese semelhante para 1956, ainda mais que o 150º aniversário efetivamente costuma ser comemorado como “jubilar”, mas que, em princípio, é difícil compreender como alguém pudesse colocar-se a organizar grandes festejos para comemorar o 132º aniversário. Talvez também neste último caso, as relações econômicas entre Brasil e Alemanha pudessem ao menos ajudar a entender aquilo que ocorreu.

¹³ Jornais gaúchos teriam noticiado que 70.000 pessoas assistiram ao desfile de carros alegóricos [*Brasil-Post*, São Paulo, n. 300, 25/8/1956, p. 12].

Juscelino Kubitschek foi eleito presidente da República em 1955, e viria a assumir em 1º de fevereiro do ano seguinte. Como se sabe, na política econômica, seu programa incluía a atração de capitais externos para o Brasil. Mesmo antes de assumir a presidência – mas já eleito –, fez duas viagens ao exterior, uma aos EUA, outra à Europa, esta incluindo a Alemanha. Mesmo que a visita fosse muito breve, a *Revista do Globo* (n. 657, 11-24/2/1956, p. 38-45), anunciou que “os alemães foram objetivos”, “excepcionalmente interessados em investir capitais no Brasil”, “propuseram-lhe negócios fabulosos”. Já no distanciamento histórico, Moniz Bandeira (1994, p. 113) fez referências entusiásticas à visita: “No entanto, apesar da escassez de tempo, excepcional homenagem lhe foi, em Bonn, prestada. Pela primeira vez, o presidente da RFA, Theodor Heuss, recebeu para um pequeno almoço (*Frühstück*), ao meio dia, um visitante que chefe de Estado ainda não se tornara”. Autoridades e empresários alemães esperavam que JK “nova fase no relacionamento entre os dois países deveria inaugurar”. Ele, por sua vez, teria declarado que “um dia após sua posse como presidente da República, as relações do Brasil com a RFA tomariam forma diferente, e acentuou que, como valiosos colaboradores e amigos, aceitaria os que lá tecnologia e capitais investir quisessem”.¹⁴

Há indícios de que nessa tentativa de aproximação entre os dois países ambos os lados tivessem incluído a “carta” presença de alemães e descendentes no Brasil nas conversações. Em sua fala, além de destacar que foi durante o governo de JK como governador de Minas Gerais que se instalou uma grande indústria siderúrgica alemã em Belo Horizonte, Heuss destacou que possuía conhecidos no Rio de Janeiro, em São Paulo, Porto Alegre e Blumenau, os quais, sempre que vinham à Alemanha, o visitavam. Por isso, ao lado da colaboração econômica, “desejamos também firmar e aprofundar o

¹⁴ A respeito das relações econômicas entre RFA e Brasil, durante o período Kubitschek, cf. OLIVEIRA, 2005, p. 99-146.

elo cultural”.¹⁵ JK, por seu lado, teria declarado em conversa informal, na Alemanha, que apesar de sua família paterna ser da Áustria, seu pai era conhecido como “João alemão”; e em seu discurso de resposta a Heuss disse: “Muitos filhos da Alemanha vieram até nós, no passado, e se transformaram em frutíferos e exemplares cidadãos de meu país”.¹⁶

Mesmo que JK não tenha comparecido às festividades do 25 de julho em São Leopoldo, a iniciativa de Paulo Couto pode ter tido a ver com essas referências elogiosas à imigração alemã – pois, mesmo não sendo do PSD, partido do presidente, seu partido, o PTB, participava da coligação que governava o país, naquele momento. Algumas ações de JK, já após os festejos de julho, indicam que suas referências sobre imigração alemã não tinham sido circunstanciais e momentâneas. Assim, a *Brasil-Post*, n. 303, de 15 de setembro, noticiou, em sua primeira página, que, em discurso alusivo ao centenário de Ribeirão Preto (SP), destacou a importância da imigração para o Brasil, lembrando seus inícios, em 1824, com alemães, lá em São Leopoldo. Por essa mesma época, em 30 de agosto, também foi assinado o decreto n. 39.869, que “dispõe sobre a libertação dos bens e direitos pertencentes a pessoas físicas e jurídicas alemãs e dá outras providências”. Essa era uma questão pendente, desde a guerra. Com a entrada do Brasil na guerra, em 1942, haviam sido confiscados os bens dos “súditos do Eixo”. Em relação a italianos e japoneses, havia sido emitida uma legislação logo ao final do conflito, mas em relação a alemães houvera uma primeira tentativa só em 1950, a qual, porém, fora muito criticada, por ter sido apenas parcial.

Infelizmente, por falta de espaço disponível, uma segunda hipótese terá de ser remetida a uma breve nota de rodapé.¹⁷ Mas

¹⁵ *Brasil-Post*, São Paulo, n. 272, 11/2/1956, p. 7.

¹⁶ Respectivamente, *Brasil-Post*, São Paulo, n. 271, 4/2/1956, p. 16; e *Brasil-Post*, São Paulo, n. 272, 11/2/1956, p. 7.

¹⁷ Em 1955, Leonel Brizola, do PTB, como Paulo Couto, elegeu-se prefeito de Porto Alegre. É possível que já neste momento estivesse “tramando” sua candidatura a governador do estado, em 1958, e para

aquela que acaba de ser exposta, mais uma vez, demonstra a correção daqueles estudiosos da imigração alemã que alertaram para a frequente valorização exagerada de “germanismo” e correlatos, como se as manifestações idealistas de um grupelho tivessem o poder demiúrgico de forjar uma realidade histórica abrangente. Para entender a história das regiões de colonização alemã, deve-se recorrer, em primeiro lugar e sobretudo, a variáveis universais, como interesses, que, sim, eventualmente, podem ser ideais, mas, em especial os materiais, como se faz em qualquer estudo histórico sério.

Referências

ARBEITSGEMEINSCHAFT 25. Juli in Rio Grande do Sul (ed.). *Kurze Geschichte der deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond, 1936.

BANDEIRA, Moniz. *O milagre alemão e o desenvolvimento do Brasil: as relações da Alemanha com o Brasil e América Latina (1949-1994)*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

BARBIAN, Nikolaus. *Auswärtige Kulturpolitik und „Auslandsdeutsche“ in Lateinamerika 1949-1973*. Wiesbaden: Springer VS, 2014.

CENTRO 25 DE JULHO (ed.). *História da colonização alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond, 1936.

CONRAD, Sebastian. “Here, the German is not degenerating”: Brazil, emigration and the nation’s formation of youth. In: CONRAD, Sebastian.

isso estivesse buscando aproximar-se do PRP, para uma coligação – como, de fato, ocorreu. Considerando que este último partido tinha uma densidade eleitoral não desprezível nas regiões de colonização alemã e italiana, a promoção de festas por ali poderia ajudar numa aproximação. Claro, para fundamentar essa hipótese seriam necessárias informações de bastidores de difícil obtenção. Cabe lembrar, porém, que o próprio JK promoveu uma aproximação a este partido, chegando a nomear, em 1957, o deputado gaúcho Wolfram Metzler para o cargo de presidente do Instituto de Imigração e Colonização (TONINI, 2003, p. 120-127).

Globalization and the nation in Imperial Germany. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 275-379.

DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DREHER, Martin Norberto. *Wilhelm Rotermond: seu tempo – suas obras*. São Leopoldo: OIKOS, 2014.

FERNANDES, Evandro. *SOS Europa Faminta: Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Memórias de um escritor de província*. Porto Alegre: Evangraf, 2008.

GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

GERTZ, René E. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GERTZ, René E. Articulações político-culturais na “colônia alemã” do Rio Grande do Sul após 1945: a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. In: ARENDT, Isabel Cristina; CUNHA, Jorge Luiz da; SANTOS, Rodrigo Luis dos (orgs.). *Migrações: perspectivas e avanços teórico-metodológicos*. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2018a, p. 781-794.

GERTZ, René E. As comemorações do 25 de julho de 1956, no Rio Grande do Sul. In: ZANOTTO, Gizele (org.). *Anais do IV Congresso Internacional História, Regiões e Fronteiras* (vol. II). Passo Fundo: UPF, 2018b, p. 965-976.

GOODMAN, Glen S. From “German danger” to German-Brazilian President: immigration, ethnicity, and the making of Brazilian identities, 1924-1974. Tese (Doutorado em História) – Emory University, Atlanta, 2015.

OLIVEIRA, Ione. *Aussenpolitik und Wirtschaftsinteresse in den Beziehungen zwischen Brasilien und der Bundesrepublik Deutschland 1949-1966*. Frankfurt/M: Peter Lang, 2005.

- PENNY, H. Glenn. Historiographies in dialogue: beyond the categories of Germans and Brazilians. *German History*, Oxford: Oxford University Press, vol. 33, n. 3, p. 347-366, 2015.
- ROEHE, Nara Simone Viegas Rocha. *O sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul em 1974 como corolário das relações econômicas Brasil-Alemanha*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SCHULZE, Frederik. Von verbrasilianisierten Deutschen und deutschen Brazilianern. „Deutschsein“ in Rio Grande do Sul, Brasilien, 1870-1945. *Geschichte und Gesellschaft*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, vol. 41, n. 2, p. 197-227, 2015a.
- SCHULZE, Frederik. „Auslandsdeutschtum“ in Brazil (1919-1941): global discourses and local histories. *German History*, Oxford: Oxford University Press, vol. 33, n. 3, p. 405-422, 2015b.
- SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994, p. 11-27.
- SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*. São Leopoldo: OIKOS, 2006.
- TONINI, Veridiana M. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1947)*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2003.
- VOGT, John. *Deutschtum and the German peril in Brazil, 1890-1914*. Charlottesville: University of Virginia, 1964.
- WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o "25 de Julho" em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: Editora da FEEVALE, 2004.
- WOLFF, Martin. *Die Stellung der ethnischen Presse im Prozess der Identitätskonstruktion ihrer Leser: eine inhaltsanalytische Untersuchung am Beispiel der Brasil-Post*. Hamburgo: Verlag Dr. Kovač, 2010.